

## Entre a Temporalidade do Mundo e a Atemporalidade do Quinto Império: A Visão Ético-Espiritual do Padre António Vieira

*Between world's temporality and Fifth Empire project untemporality: the ethic-spiritual view of Father Antonio Vieira*

Romana Valente PINHO  
Universidade de Lisboa

---

### Resumo

---

O que se pretende discutir, neste texto, é a relação complementar que os domínios do Tempo e do Espírito estabelecem, entre si, na experiência do Quinto Império. Para o Padre António Vieira, o Reino de Cristo funda-se enquanto Império teândrico, isto é, enquanto instância simultaneamente temporal e atemporal que visa, de igual modo, enaltecer a perspectiva ética e espiritual do Homem tanto na vivência mundana, quanto na experiência do sagrado. Neste sentido, o cristianismo apresenta-se como solução quer para os males do Mundo, quer para os males do Espírito.

**Palavras-Chave:** Padre António Vieira, Quinto Império, Tempo, Espírito.

---

### Abstract

---

This text aims to argue the complementary relation established between the domains of Time and Spirit, in the experience of Fifth Empire. For Father Antonio Vieira, the Reign of Christ bases itself as a theandric Empire, that is, as a simultaneously temporary and un-temporary instance that intends to equally ennoble Man's both ethic and spiritual perspective in mundane life as well as in sacred experience. In this sense, Christianity presents itself as a solution to the illnesses of the World to the same extent as to the illnesses of the Spirit.

**Keywords:** Father Antonio Vieira, Fifth Empire, Time, Spirit.

“Sendo logo este sentimento indigno do poder e majestade de Cristo e da soberania de sua pessoa, necessariamente havemos de dizer e confessar, em boa teologia, que não é somente espiritual o Império e domínio que Cristo tem sobre o Mundo, se não também temporal, e que espiritual e temporalmente Ihe são todos os homens e todas as coisas sujeitas”.

Padre António Vieira, *História do Futuro*,  
Livro Segundo, Capítulo Sexto

Se podemos, indiscutivelmente, considerar os aspectos políticos, sociais e literários do pensamento do Padre António Vieira (1608-1697), não devemos ignorar, por outro lado, a relevância que os domínios da ética e da espiritualidade assumem na sua vida e obra.

Para o autor seiscentista, no que se refere a tais domínios, o que importa discutir é a relação, quase à maneira dos filósofos medievais, entre o poder ou domínio temporal e o poder ou domínio espiritual. Embora, a seu ver, o ser humano viva no Mundo, subordinado à cíclica roda do tempo, o seu objectivo é aperfeiçoar-se ética e espiritualmente, superando, tanto quanto possível, todas as condicionantes que essa temporalidade tece no seu quotidiano. Afinal, se o mundo dos homens, enquanto parte do Reino de Cristo, é de cariz temporal, a meta que lhe está subjacente é a bem-aventurança espiritual. O aperfeiçoamento da alma dos homens está, pois, dependente da sua evolução ontológica, ética e religiosa.

Logo, segundo a perspectiva de Vieira, os domínios temporal e espiritual conjugam-se. Não se trata apenas de divisão e oposição, mas de relação e complementaridade: um Mundo simultaneamente temporal e espiritual. Isto é, numa palavra, o que o autor propõe, em obras tais como *História do Futuro* e *Clavis Prophetarum*, é a construção de um Reino, a que chamará Quinto e Último Império do Mundo, o qual se ergue entre a condição da temporalidade e a da atemporalidade, visando superar os hiatos existentes entre a falibilidade de uma e a transcendência de outra.

O que se pretende discutir, portanto, é de que modo esse Império teândrico se equaciona enquanto solução para os males temporais do Mundo, desse modo encaminhando os homens a agirem de uma forma mais ética, justa e cristã e a procurarem a beatitude mental e a verdadeira espiritualidade.

Antes de continuarmos, parece-nos útil definirmos alguns conceitos fundamentais para a compreensão desta temática, tais como *mundo*, *tempo* e *quinto império*. No Capítulo Terceiro do Livro Antepimeiro da *História do Futuro*, António Vieira define o mundo como “tudo o que abraça o mar, tudo o que alumia o sol, tudo o que cobre e rodeia o céu”<sup>1</sup>. Na sua visão, o mundo é o *mundo inteiro*. Não só aquele que os Antigos conheceram (África, Europa e Ásia), mas também aquele mais recentemente descoberto (América) e ainda o incógnito (a que chamavam de Austral). Ora, esse mundo é o sujeito da *História do Futuro*, é ele que será o cerne de todo o Quinto Império. Afinal, “todos os reinos se unirão em um ceptro, todas as cabeças obedecerão a uma suprema cabeça, todas as coroas se rematarão em um só diadema, e esta será a peanha da Cruz de Cristo”<sup>2</sup>. O Mundo será, pois, o Reino de Cristo.

Quando alude ao *tempo*, logo no início do Livro Antepimeiro, o jesuíta afirma: “O tempo, como o mundo, tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que imos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa. Desde este ponto toma seu princípio a nossa *História*, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos habitantes deste segundo hemisfério do tempo, que são os antípodas do passado. Oh que coisas grandes e raras haverá que ver neste novo descobrimento!”<sup>3</sup>. Para o nosso autor, o tempo divide-se, então, em dois hemisférios ou em dois planos, um superior, visível e conhecido que corresponde ao passado, outro inferior, invisível e desconhecido que concerne ao futuro. Entre os dois existe um limiar no qual se vive o presente, os dias que vão correndo e separam o tempo pretérito do por vir. Enquanto

<sup>1</sup> VIEIRA, António. *História do Futuro*. Livro Antepimeiro. Capítulo Terceiro. 2ª ed. Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalho Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, p. 67.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>3</sup> *Ibidem*, Livro Antepimeiro, Capítulo Primeiro, pp. 51-52.

categoria que mede o percurso da História, o tempo antevê-se a Vieira como aspecto crucial do seu projecto quinto-imperial.

Ainda no Livro Antepimeiro da *História do Futuro*, o Padre António Vieira faz referência a um “novo Império, ao qual, pelas razões que se verão a seu tempo, chamamos Quinto”<sup>4</sup>. Este Quinto Império, esboçado a traços proféticos e visionários, constitui-se tão-só como suporte das esperanças de Portugal. Esperanças breves, porém, nas quais Portugal será o centro e o cerne de maravilhas profetizadas. Vieira afirma que são esperanças breves, na medida em que não são esperanças que tardam e que se não *podem mostrar com o dedo*<sup>5</sup> mas, por sua vez, que são esperanças que, brevemente, se tornarão presentes aos olhos de todos. Na sua *História do Futuro*, para além de exaltar a Fé, glorificar Jesus Cristo, enaltecer o triunfo da Igreja e promover a paz universal do Mundo, o jesuíta vaticina um futuro glorioso para Portugal que, segundo crê, foi sublimado por Deus<sup>6</sup>.

Enquanto *historiador do futuro*<sup>7</sup>, enquanto teórico da História, amparado pelos textos sagrados, António Vieira projecta a vinda de um Império novo e último: “O que deste somente quero recolher e deixar assentado é que, depois dos três Impérios dos Assírios, Persas e Gregos, que já passaram, e depois do quarto, que ainda hoje dura, que é o Romano, há-de haver um novo e melhor Império que há-de ser o quinto e último. Esta suposição é de fé, porque assim o lemos nas Escrituras, é de experiência, porque assim o mostrou o sucesso dos tempos, e é de razão, porque assim se infere por bom discurso”<sup>8</sup>.

Quase à maneira do milenarismo professado pelo abade cisterciense Joaquim de Fiore, por quem

é manifestamente influenciado, António Vieira discute a teoria da história e a dimensão da temporalidade. Na sua perspectiva, os tempos dividiram-se na soberania de quatro grandes impérios passados, estando previsto, para o futuro, a chegada de um quinto que corresponderá ao Reino de Cristo e dos Cristãos. Neste sentido, para além do *Evangelho Eterno* de Joaquim de Fiore, o autor de *Clavis Prophetarum* vai beber aos profetas bíblicos do Antigo Testamento (nomeadamente, Daniel e Zacarias) e ao *Apocalipse* de São João, para engendrar o seu projecto imperial.

Apresentado desde logo como Império temporal, como *reino deste mundo*<sup>9</sup>, que terá a sua consumação no Céu, o Quinto Império proposto pelo Padre António Vieira, apesar de ter o Mundo como sujeito, conjuga a temporalidade com a espiritualidade: “Recolhendo tudo o que tão largamente temos disputado (que foi necessário ser tão largamente) e reduzindo a concórdia quanto pode ser as opiniões de todos os Doutores, posto que alguns pareçam entre si contrários, diremos por última conclusão, que o Império de Cristo é juntamente espiritual e temporal, e que, segundo estas duas jurdições, ambas supremas, se compõe a coroa de Cristo, Sacerdote Supremo, e outra coroa de universal Senhor e Legislador *in temporabilis*, segundo a qual se chama propriamente Supremo Rei”<sup>10</sup>. Neste sentido, ao discurso profético, visionário e messiânico do nosso jesuíta, é possível juntarmos-lhe uma grande noção de realidade histórica e conjuntural. O seu interesse vai muito mais além dos aspectos meramente teológico-religiosos que, naturalmente o cativavam, enquanto membro da Ordem de Jesus. O decurso da História, o progresso

<sup>4</sup> *Ibidem*, Livro Antepimeiro, Capítulo Terceiro, p. 63.

<sup>5</sup> *Vf. Ibidem*, Livro Antepimeiro, Capítulo Segundo, p. 59.

<sup>6</sup> *Ibidem*, Livro Antepimeiro, Capítulo Quarto, p. 72: “Quem considerar o Reino de Portugal no tempo passado, no presente e no futuro, no passado o verá nascido, no presente ressuscitado e no futuro glorioso; e em todas estas três diferenças de tempos e estados lhe revelou sempre Deus e mandou interpretar primeiro os favores e as mercês tão notáveis com que o determinava enobrecer: na primeira, fazendo-o, na segunda, restituindo-o, na terceira, sublimando-o”.

<sup>7</sup> *Ibidem*, Livro Antepimeiro, Capítulo Primeiro, p. 53: “Se já no Mundo houve um profeta do passado, porque não haverá um historiador do futuro?”.

<sup>8</sup> *Ibidem*, Livro Primeiro, Capítulo Primeiro, p. 260.

<sup>9</sup> *Vf. Ibidem*, Livro Segundo, Capítulo Quinto, p. 309.

<sup>10</sup> *Ibidem*, Livro Segundo, Capítulo Sétimo, p. 363.

das civilizações, a ampliação do Mundo, o desenvolvimento científico não podiam, na sua opinião, ser ignorados em nome de uma realidade puramente espiritual. A evolução integral do Homem, sobretudo a ética, a social e a judicial, está, pois, dependente da aceitação do ser humano como ser temporal, como ser integrado no seu Mundo e na sua História. O que António Vieira parece propor com o projecto do Quinto Império é que o Reino de Cristo, extensível a todas as nações temporais, seja um lugar onde a Terra e o Céu se fundem, onde as vantagens da dimensão temporal se aliam às vantagens da dimensão espiritual. Ora, é nesse espaço que é o Mundo, nesse tempo que é todo o *Millenium*, com os olhos voltados para o Espírito, que o Homem tem a oportunidade de se aperfeiçoar, isto é, de se tornar verdadeiro cristão. Se as dimensões de natureza ética e social são mais debatidas, por Vieira, nos seus *Sermões* e nas suas *Cartas*, o que é certo é que, tanto na *História do Futuro*, como na *Clavis Prophetarum*, o jesuíta revela o lugar e o tempo nos quais elas deverão manifestar-se mais rectamente. No fim de contas, o Homem terá a oportunidade de ser mais justo e mais ético, no Quinto Império, porque todo o Mundo ter-se-á já convertido a Cristo e ao cristianismo.

Como se fundará, afinal, em termos práticos, este Império?

António Vieira, ao orientar-se pela herança henriquina e quinhentista dos lusitanos, vaticina para Portugal a criação de um Reino que, *a priori*, não terá características imperialistas (porque, como o próprio assume, os Impérios unicamente temporais cessam), mas será tão-somente um Império teândrico. Trata-se, portanto, de um Império de dimensões universais e, para que o mesmo se crie, é necessário que os portugueses (povo eleito por Deus) se empenhem na evangelização. Contudo, a associação do Reino de Cristo a um Império temporal na *História do Futuro*, a previsão da ressurreição de D. João IV na carta enviada ao Bispo do Japão, André Fernandes, que

denominou de *Esperanças de Portugal*, e a sua relação com alguns judeus, nomeadamente Menasseh Ben Israel, conduzirão o Tribunal do Santo Ofício a, primeiramente, vigiá-lo e, mais tarde, a argui-lo e encarcerá-lo. António Vieira será, então, acusado de heresia e de simpatizar com os judeus.

Consciente das mudanças que introduzia nas vidas dos homens que consigo se cruzavam, num dos seus sermões ou numa das suas missões, junto dos índios, no interior do Maranhão, o padre Vieira não compreendia, porém, as razões pelas quais era verdadeiramente acusado pela Santa Inquisição. Ao fim e ao cabo, o que havia escrito ao Bispo André Fernandes não se lhe configurava comprometedor, nem tampouco herético. Se analisarmos muito friamente a *História do Futuro* e as *Esperanças de Portugal*, concluímos que ambos os documentos são de natureza político-religiosa. A sua vertente política acentua-se essencialmente na estruturação de um Império díspar, que se diz, igualmente, *temporal e atemporal, terreno e celeste, humano e divino, corpóreo e espiritual, nacional e ecuménico*. Tal Império será governado, desse modo, por um Rei ou Imperador Temporal (D. João IV de Portugal) e por um Rei ou Imperador Espiritual (Jesus Cristo). Por outro lado, a sua vertente religiosa centra-se, sobretudo, na discussão de Jesus Cristo como Rei Espiritual e como Monarca Universal do Quinto Império, já que são, essencialmente, questões de fé.

No que diz respeito ao dilema gerado em torno da questão do *tempo* e da *eternidade*, temos que assumir que ela surge logo problemática e pouco pacífica. Se, por um lado, a Inquisição não sente grandes dificuldades em aceitar ou compreender a existência de um Rei Espiritual (Jesus Cristo), por outro lado, é deveras complicado anuir, mesmo profeticamente que seja, a inevitabilidade da ressurreição de D. João IV. Tal problemática induzirá o jesuíta a modificar o seu discurso perante o Tribunal do Santo Ofício. Se, nas *Esperanças de Portugal*, é

peremptório quanto à ressurreição de D. João IV, na preparação da *Clavis Prophetarum* já se mostra um pouco reticente. Se, em certa medida, a Inquisição até compreende a interpretação que António Vieira faz do Reino de Cristo enquanto Império simultaneamente temporal e espiritual, por outro lado, não se mostra muito benevolente diante da discussão que o jesuíta promove em torno do ecumenismo. Por mais que defenda a conversão de todos os credos à religião cristã e a extinção da heresia, o Padre Vieira continua, todavia, a defender o regresso dos Judeus à sua Terra (embora convertidos ao catolicismo) e a manter amizade com alguns Judeus e cristãos-novos. Nem o seu nacionalismo exacerbado o vai proteger, portanto, dos ataques da Inquisição, que teima em apelidá-lo de herege e de judeu.

Se a dimensão política da obra de Vieira se expressa, acima de tudo, através da proclamação de um Império Temporal que se unifica num só ceptro real, na dimensão religiosa, por sua vez, o jesuíta faz a apologia do Cristianismo como religião superior, capaz de destruir heresias e credos menores, e como centro convergente e unificador de todas as fés. Deste modo, é perfeitamente defensável que, no *corpus* literário e profético de António Vieira, a religião e a política surjam entrelaçadas. No fundo, poder-se-á afirmar que o autor se utiliza daquilo que é Espiritual para melhorar o Mundo e daquilo que é Mundano para melhorar o Espírito. De qualquer maneira, um dos grandes objectivos da *História do Futuro* é dignificar o Catolicismo, conduzir a fé católica ao bom porto do Cristianismo<sup>11</sup>.

Devido à doença que o vai minando dia após dia, António Vieira tem a possibilidade de se defender perante o Tribunal do Santo Ofício, não só presencial e oralmente, como também por escrito. Assim, começa o nosso jesuíta por dizer que "(...) o qual de nenhum modo é invento meu, senão promessa e esperança e exposição de muitos santos antigos e

modernos e de muitos comentadores das Escrituras, e de muitas pessoas de espírito profético (...)"<sup>12</sup>. Vieira defende, então, que a profecia que expusera na *História do Futuro* foi inspirada nos Livros de Daniel e Zacarias, do Antigo Testamento, e que as acusações que lhe foram feitas, denunciando-o de herege e de judeu, são falsas. Relativamente à primeira, a Inquisição, após se ter debruçado sobre as suas obras, concluirá que Vieira havia proclamado que Cristo seria dono de um Império Temporal e não Espiritual; que o poder do Príncipe Temporal sobrepor-se-ia ao poder papal; e que o Reino Temporal de Cristo opor-se-ia ao Celestial. Relativamente à segunda, o Santo Ofício estava crente que o jesuíta previa a vinda do Anticristo, a repatriação dos judeus e a chegada de um novo Messias. António Vieira contra-argumenta, valendo-se dos textos sagrados a que havia recorrido anteriormente, ao mesmo tempo que clarificava o seu pensamento em relação ao judaísmo: preconizava a conversão dos judeus ao Cristianismo; negava a vinda de um novo Messias.

A defesa perante o Tribunal do Santo Ofício foi morosa e árdua para António Vieira, habituado que estava a viver num Mundo imenso e livre. Para os inquisidores, todos os pormenores que, na vida e na obra do jesuíta, davam azo a uma arguição, eram questionados. Vieira respondeu, contra-argumentou, cansou-se, até que, no final, já sem forças, foi obrigado a ceder e a concordar com o Tribunal. Essa cedência valer-lhe-á a pena de perda da voz activa e passiva e a proibição de pregar. Contudo, o que mais o magoou foi o modo como o seu país, que tanto elevara nas suas obras, o tratou, condenado-o ao cárcere e à censura. Neste aspecto, é provável que aquilo que escrevera, no início do Livro Antepimeiro da *História do Futuro*, deixe de fazer sentido a partir desse momento: "Eu, Portugal (com quem só falo agora), nem espero o teu agradecimento, nem temo a tua ingratidão"<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> *Idem*. *Vieira perante a Inquisição*. In: \_\_\_\_\_. *Obras Várias*. Prefácio e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1952, p. 100: "(...) um novo e perfeito estado da Igreja Católica, que é o único e verdadeiro Reino de Cristo."

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 100.

<sup>13</sup> *Idem*, *História do Futuro*, Livro Antepimeiro, Capítulo Segundo, p. 56.

